

Participios atemáticos no Português: tipologia, distribuição e avaliação

Alina Villalva e Fernanda Jardim

Faculdade de Letras da U. de Lisboa e U. Federal de Santa Catarina

alinavillalva@campus.ul.pt

nandalimajardim@gmail.com

Resumen

En portugués, la existencia de participios atemáticos (i.e. los participios que no están formados por el tema verbal y el sufijo *-do*) es accidental. Originalmente, se relaciona con la memoria etimológica de una distinción que existía en latín entre los verbos débiles que formaban el participio del tema verbal (*cf. am-a-re; ama-t-us*) y los verbos fuertes que usan el radical para ese mismo propósito (*cf. iac-e-re; iac-t-us*). Luego, y aún en latín, algunos de estos últimos participios produjeron verbos débiles de la primera conjugación (*cf. frict-us -> frict-a-re*), y fue quizás ese el evento que originó el efecto de abundancia en estos nuevos verbos. Esta abundancia, solo a veces, se hereda en portugués (*cf. frito, fritar, fritado*), pero el modelo de formación de verbos servirá para crear nuevos verbos abundantes, que no tendrán ninguna motivación etimológica. Así, todos los verbos abundantes del portugués ni tienen el mismo origen ni las mismas características morfológicas. Por eso, presentaremos una tipología basada en la etimología y la estructura morfológica de los participios atemáticos.

La disponibilidad de dos formas donde suele haber una sola supone la existencia de problemas de uso. De hecho, los dos participios de los verbos abundantes no se usan siempre de la misma manera. Los gramáticos (como Barboza 1822, Cunha & Cintra 1984 o Bechara 1999) prescriben normas sintácticas que buscan regular el uso de los verbos llamados abundantes (i.e. participios temáticos con el auxiliar *ter* ‘tener’, en la formación de los tiempos compuestos, y participios atemáticos en las estructuras pasivas), pero las listas de verbos abundantes que crea cada autor son distintas y las normas son en sí mismas problemáticas, ya que buscan describir un comportamiento sistemático sabiendo que los usuarios del idioma no siempre las reconocen como buenas.

Para discutir estas cuestiones, presentaremos dos series de datos: (i) una selección de datos diacrónicos en testimonios desde el siglo 13 registradas en el *Corpus do Português*; y (ii) algunos resultados preliminares de una investigación sobre el uso de estos participios concurrentes, que está basada en una encuesta (creada en la plataforma *OnlinePesquisa*) hecha con hablantes del portugués europeo (dialecto de Lisboa) y del portugués brasileño (dialecto de Florianópolis). El análisis de los datos nos enseña que los verbos abundantes constituyen un territorio de fronteras imprecisas y con una importante heterogeneidad intrínseca (*cf. Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968]); Labov (2008 [1972])*), así que la relación entre la tipología de las formas participiales, las normas gramaticales y el uso se presenta menos sólida de lo esperado. Sin embargo, este estudio indica que la existencia de una forma adjetival (o incluso nominal) relacionada con el verbo facilita la aparición de un participio atemático y que el uso de

las dos formas participiales concurrentes cambia en diacronía y en el contraste de las dos variedades del portugués: el portugués europeo favorece el uso de los participios atemáticos y el portugués brasileño se conforma con la prescripción gramatical.

Palabras claves: verbos abundantes; participio; variación; portugués europeo; portugués brasileño

Abstract

In Portuguese, the existence of athematic participles (i.e. participles that are not formed by a verb stem and the suffix *-do*) is fortuitous. It is originally related to the etymological memory of a distinction that existed in Latin between weak verbs that formed the participle from the verb stem (*cf. am-a-re; ama-t-us*), and strong verbs that used the verb root for this same purpose (*cf. iac-e-re; iac-t-us*). Still in Latin, some of the latter participles produced first conjugation weak verbs (*cf. frict-us -> frict-a-re*), and that was probably the event that originated the effect of abundance in these new verbs. Apparently, two participles were available: the participle that was used to form the new verb (e.g. *frictus*) and the participle that the new verb allowed to form (e.g. *frictatus*). This abundance is only sometimes inherited in Portuguese (e.g. *frigir, frito, fritar, fritado*), but the verb-forming pattern will allow the appearance of new abundant verbs that have no etymological motivation. Therefore, Portuguese abundant verbs are not all alike, either in genetic or in structural terms, which allowed us to design a morphological and etymological typology of athematic participles.

The existence of two forms where only one should occur induces some usage issues. In fact, the two participles of abundant verbs are not systematically used. Grammarians such as Barboza (1822), Cunha & Cintra (1984) or Bechara (1999) prescribe syntactic norms (i.e. thematic participles occur with the auxiliary *ter* 'to have', in compound tenses, and athematic participles occur in passive constructions). These norms aim to regulate the use of the so-called abundant verbs, but the lists created by each author differ from one another and the norms are themselves problematic, since they try to create a systematic behaviour while knowing that language users do not follow them.

To discuss these issues, we will present two sets of data: (i) a survey of diachronic data attested since the 13th century and registered in the *Corpus do Português*; and (ii) some preliminary results of a research on the usage of these participles, based in an inquiry (created in the platform *OnlinePesquisa*) that was presented to Lisbon speakers of European Portuguese and Florianópolis speakers of Brazilian Portuguese. The analysis of these data allows us to conclude that this domain has blurred borders and an intrinsic heterogeneity (*cf. Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]); Labov (2008 [1972])*): the relationship between the typology of participial forms, grammatical norms and usage are less solid than what we anticipated. Nevertheless, this study suggests that the existence of an adjectival (or even nominal) form facilitates the appearance of an athematic participle. It also demonstrates that the usage of competing participles differs diachronically and it finally suggests that Portuguese and Brazilian varieties of Portuguese tend to behave differently: EP favours the usage of athematic participles, whereas BP tends to conform to the grammatical instruction.

Keywords: abundant verbs; participle; variation; European Portuguese; Brazilian Portuguese

1. Introdução

A existência de participípios atemáticos numa língua como o Português é acidental e está originalmente relacionada com a memória etimológica da distinção existente, em Latim, entre verbos que formam o participípio a partir do tema verbal (*cf.* *am-a-re*; *ama-t-us*) e os que usam apenas o radical (*cf.* *iac-e-re*; *iac-t-us*). O facto de, em Latim, ser frequente a formação de verbos a partir do radical do supino dos verbos fortes (*cf.* *frict-us* -> *frict-a-re*) produziu nestes verbos um efeito de abundância relacionado com a aparente disponibilidade de duas formas participiais: a que está na origem do verbo (*cf.* *frictus*) e aquela que o novo verbo permite formar (*cf.* *frictatus*). Essa abundância foi, por vezes, mantida no Português (*cf.* *frigir*, *frito*, *fritar*, *fritado*), embora em graus nem sempre semelhantes, o que provocou no passado, e continua a causar no presente, assimetrias no uso¹. Esta perturbação terá levado os gramáticos a supor haver necessidade de estabelecer um articulado normativo específico para regular o uso das formas participiais dos verbos abundantes. Uma das primeiras formulações é de Barboza (1822)², sendo Cunha & Cintra (1984) e Bechara (1999) dois representantes mais recentes deste clássico estado de coisas. No entanto, esta prescrição gramatical é problemática: os seus redatores formulam-na com a cautela revelada no uso de expressões modalizadoras (Barboza 1822: 295) afirma mesmo que “[...] não se póde estabelecer huma regra fixa e universal”) e os falantes nem sempre a fazem refletir no uso da língua³. Há, portanto, espaço para observação da variação do uso dos participípios, quer na diacronia quer na dispersão territorial do Português ou em contrastes socioletais (*cf.* Weinreich, Labov & Herzog 2006 [1968]; Labov 2008 [1972]).

Um outro aspeto intrigante, neste domínio dos verbos abundantes, diz respeito à identificação dos casos –a lista de verbos abundantes constitui, na verdade, um importante foco de discórdia entre os gramáticos que legislam a seu respeito (*cf.* Miara 2013, Miara & Coelho 2015). Essa lista inclui um inventário comum e uma franja considerável de discordância, que tem origem, por um lado, na inclusão por alguns autores de verbos provenientes de verbos fortes latinos e que guardam apenas uma ténue memória do participípio latino (*cf.* *incluso*), e, por outro lado, nos limites impostos ao alastramento da abundância a verbos que não possuem qualquer indicação de natureza etimológica para que tal aconteça.

Em suma, ainda que geralmente os verbos abundantes sejam tratados como um conjunto definido e homogéneo, a análise dos dados mostra-nos que se trata de um território de fronteiras imprecisas e uma importante heterogeneidade intrínseca e contextual, dado que nem todos os verbos abundantes têm a mesma origem e nem todos são usados do mesmo modo, sendo a variação igualmente complexa de analisar.

Neste trabalho, começaremos por falar da formação do participípio passado no Português por sufixação em *-do*, incluindo uma referência aos casos de abandono dessa forma, e da herança de participípios fortes latinos⁴; seguir-se-á a apresentação de uma tipologia de verbos baseada na natureza etimológica e morfológica das suas formas participiais, que

procura definir critérios para a atribuição do estatuto de abundante a um verbo; e, por último, falaremos sobre o uso das formas participiais dos verbos abundantes com base em recolhas de dados realizadas através da aplicação de um inquérito (criado na plataforma *OnlinePesquisa*), feito a falantes de Português Europeu (dialeto de Lisboa) e de Português Brasileiro (dialeto de Florianópolis).

2. A formação do participípio passado no Português

Todos os verbos do Português permitem flexionar uma forma participial por sufixação em *-do*, que tem por base a forma do tema verbal, verificando-se a neutralização da distinção entre a segunda e a terceira conjugações, com preferência pelo modelo da terceira:

- (1) *manda*_{TV} *manda*_{TV} *do*
*vende*_{TV} *vendi*_{TV} *do*
*pedi*_{TV} *pedi*_{TV} *do*

Este modelo de formação participial está atestado desde cedo (séculos 13-14), como se pode verificar nos dados recolhidos no *Corpus do Português* (cfr. Quadro 1), relativamente às formas lematizadas dos verbos referidos em (1) e das ocorrências das formas participiais com os auxiliares *ter* ou *haver* e *ser*:

	s. 13	s. 14	s. 15	s. 16	s. 17	s. 18	s. 19	s. 20	T
<i>mandar</i> (todas as formas)	1306	3880	6700	10429	3628	1780	4667	4545	7890
<i>mandado</i>	163	278	625	800	618	156	225	390	3255
<i>mandados</i>	5	18	81	97	50	25	33	106	415
<i>mandada</i>	3	1	6	16	35	6	42	54	163
<i>mandadas</i>	2	1	9	13	11	4	18	10	68
<i>perder</i> (todas as formas)	382	836	1251	3006	1564	1133	5778	8228	22178
<i>perdido</i>	2	27	55	419	196	119	1032	1118	2968
<i>perdidos</i>		11	24	116	63	18	185	285	702
<i>perdida</i>	1	13	68	269	96	54	473	502	1476
<i>perdidias</i>		5	23	68	32	14	152	177	471
<i>pedir</i> (todas as formas)	268	780	2057	3270	2313	1187	6909	7800	24584
<i>pedido</i>		18	54	64	54	20	569	1675	2454
<i>pedidos</i>	1	5	26	9	5	2	83	501	632
<i>pedida</i>		11	32	42	21	9	51	82	248
<i>pedidas</i>		3	17	15	6		14	28	83

Quadro 1

Ainda que a formação do participípio em *-do* esteja sempre disponível, existe um pequeno conjunto destas formas (cfr. *abrido*, *descobrido*, *fazido*, etc.) que têm um uso muito

restrito ou mesmo nulo. Elas podem ocorrer em antigas sincronias do Português (*cf.* 2a), em fases precoces do processo de aquisição da linguagem (*cf.* 2b), em outras franjas do uso da língua que o aumento da escolaridade tende a reduzir (*cf.* 2c) ou ainda como recurso literário (*cf.* 2d), mas não têm relevância estatística no uso corrente:

- (2) a. [...] *que o dicto oliual fosse laurado e **abrido** estrecado e amotado e posesẽ em elle prantas d'oliueiras.* (s. 15, documento do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, in *Corpus do Português*).
- b. *Deslopado q. demonstrar depois de ter des cobrido que a mãe estava a...*
Dormia comessei a ficar sem feio e ligai o fogoã para ver se...
 [...] *depois de ter **des cobrido** que a mãe estava a Dormir* [...] (Rita, 7 anos, in *corpus EFFE-On*⁵).
- c. [...] *a Cláudia tinha que ter **fazido** isso mais a tempo* (*Corpus POR_CORAL*⁶).
- d. *Vosmicê sabe qui os minezinhos qui vieram de fora tinham **dizido**?* “A Capitã só terá quinhentos mi bitantes” (in Emir Santana Prazeres, *O Sabiã de Santo Antônio*. Brasília: Thesaurus, 2008⁷).

Os dados disponíveis no *Corpus do Português* mostram não só a escassez de atestações das formas em *-do*, como, sobretudo, a ocorrência precoce das formas atemáticas (i.e. *aberto, descoberto, feito*):

	s. 13	s. 14	s. 15	s. 16	s. 17	s. 18	s. 19	s. 20	T
<i>abrir</i>	70	67	257	538	433	313	5192	6991	13861
<i>abrido / -a(s)</i>			5	1		1	1		8
<i>aberto / -a(s)</i>	49	68	133	233	217	101	1826	3985	6612
<i>descobrir</i>	31	80	257	1148	651	483	2415	4678	9743
<i>descobrido / -a(s)</i>									0
<i>descoberto / -a(s)</i>	5	4	18	169	75	62	626	2225	3186
<i>fazer</i>	6338	17348	28124	35901	16444	12102	39869	65949	222075
<i>fazido / -a(s)</i>								3	3
<i>feito / -a(s)</i>	407	1639	2458	3351	1245	668	3593	7801	21562

Quadro 2

As formas participiais que a prescrição gramatical recomenda nestes casos, tanto na tradição portuguesa⁸ quanto na tradição brasileira⁹, são provenientes de formas participiais de verbos fortes latinos¹⁰. Mas trata-se de uma mera confirmação do uso, não estando disponível qualquer esboço de explicação para o banimento das formas em *-do*.

3. A herança de participípios fortes latinos

A distinção estabelecida em Latim entre verbos fortes e fracos não se manteve no Português, mas a presença de formas participiais fortes latinas tem muitas atestações: as formas que acabámos de considerar mantêm uma distribuição verbal (*cf.* Quadro 2 e

3a), outras sobrevivem apenas como adjetivos participiais (*cf.* 3b), de outras encontra-se memória apenas em substantivos participiais (*cf.* 3c) e, por último, são muito numerosos os casos de formas participiais fortes latinas que não entraram nunca no Português (*cf.* 3d):

- (3) a. *dito* (de *DICTUM*, participípio de *DICO*)
b. *atreito* (de *ATTRACTUM*, participípio de *ATTRAHO*)
suspensio (de *SUSPENSUM*, participípio de *SUSPENDO*)
c. *cinto* (de *CINCTUM*, participípio de *CINGO*)
colheita (de *COLLECTUM*, participípio de *COLLIGO*)
penso (de *PENSUM*, participípio de *PENDO*)
d. *DEPENDO* (> *depende*), *DEPENSUM*
INFRINGO (> *infringir*), *INFRACTUM*

Dada a variação de soluções encontradas no processo de transição do Latim para o Português, não pode considerar-se que haja um fundamento histórico (etimológico) para a escolha de participípios herdados de formas fortes latinas ou de participípios formados por sufixação em *-do*, no Português. Na verdade, alguns dos verbos provenientes de verbos fortes latinos têm em uso apenas uma forma, por vezes a forte (*cf.* Quadro 2), por vezes apenas a fraca (*cf.* *dependido* vs. **depenso*; *infringido* vs. **infra(c)to*). Só alguns desses verbos têm em uso duas formas: a que provém da forma forte latina e a que é gerada no Português por sufixação em *-do*. Estes verbos, a que a tradição gramatical dá o nome de verbos abundantes, colocam aos falantes um problema de uso, uma vez que estão disponíveis duas formas para as mesmas funções que geralmente são satisfeitas apenas por uma forma participial (em *-do*).

A existência de verbos abundantes não se esgota, porém, nos casos já referidos. Muitos são provenientes de verbos formados de participípios fortes latinos que, no Português, passam a usar tanto a forma que lhes serviu de base, como a forma flexionada em *-do*. O Quadro 3 mostra as ocorrências dos verbos *expulsar* e *expressar* e das formas participiais *expulsado* / *expulso* e *expressado* / *expresso*. Ainda que não se trate de verbos muito frequentes, e apesar de terem uma existência recente no Português, regista-se a preferência pela forma forte pelo menos nas construções com *ser*. Deve notar-se que a ocorrência das formas *expulso* e *expresso* pode estar relacionada com os verbos *expulsar* e *expelir* e *expressar* e *exprimir*, respetivamente. Só uma observação caso a caso (335 casos para *expulso* e 202 para *expresso*) permitirá identificar o verbo a que corresponde cada uma dessas utilizações do participípio. Essa análise não foi feita porque não se enquadra nos propósitos do corrente trabalho, mas também porque a associação semântica típica para *expulso* é estabelecida com o verbo *expulsar*, e, no caso de *expresso*, a relação com um dos dois verbos é difícil de estabelecer porque *exprimir* e *expressar* têm significados muito próximos.

	s. 13	s. 14	s. 15	s. 16	s. 17	s. 18	s. 19	s. 20	T
<i>expulsar</i>					7	26	165	604	802
<i>ter / haver expulsado</i>								6	6
<i>ser expulsado / -a(s)</i>						1			1
<i>ter / haver expulso</i>								6	6
<i>ser expulso / -a(s)</i>						4	33	292	329
<i>expressar</i>				5	11	12	40	493	561
<i>ter / haver expressado</i>						2	2	2	6
<i>ser expressado / -a(s)</i>							4		4
<i>ter / haver expresso</i>				1			1	3	5
<i>ser expresso / -a(s)</i>			3		2		8	184	197

Quadro 3

É possível que este tipo de verbos abundantes tenha servido de modelo ao aparecimento de idêntico tipo de abundância em verbos deadjetivais que já não têm qualquer relação com verbos fortes latinos. O verbo *entregar*, por exemplo, provém de um verbo latino (i.e. *INTEGRARE*) formado a partir de um adjetivo (i.e. *INTEGER*). Os dados recolhidos no *Corpus do Português* mostram que a ocorrência de uma forma atemática (e não forte) como forma verbal (nas construções com *ter* e *haver*) ocorre apenas a partir do século 16, momento em que a forma fraca desaparece das construções com *ser*. A forma proveniente do adjetivo latino é, pois, usada como adjetivo participial desde cedo e passará também a ser usada como forma verbal, enquanto a forma em *-do* perde força como adjetivo participial, reganhando algum ímpeto enquanto forma verbal, nos séculos 19 e 20, talvez por influência da pragmática gramatical já mencionada. O verbo *secar* e a ocorrência das formas *seco* e *secado* ilustram talvez ainda melhor esta hipótese.

	s. 13	s. 14	s. 15	s. 16	s. 17	s. 18	s. 19	s. 20	T
<i>entregar</i>	115	320	360	866	592	386	2238	2984	7861
<i>ter / haver entregado</i>		3	1	1	5	1	15	11	37
<i>ser entregado / -a(s)</i>	16	24	2	1					39
<i>ter / haver entregue</i>				5	3	6	11	25	50
<i>ser entregue(s)</i>	1	12	51	41	16	16	74	433	644
<i>secar</i>	2	4	32	72	33	29	207	412	791
<i>ter / haver secado</i>							6	14	20
<i>ser secado / -a(s)</i>								2	2
<i>ter / haver seco</i>							1		1
<i>ser seco / -a(s)</i>	1	2	8	7	2	9	13	41	83

Quadro 4

A existência de formas rizotónicas (e não fortes) provenientes de adjetivos terá, ela própria, servido de modelo à formação de particípios atemáticos a partir do radical verbal, em casos como *ganhar*. Os dados recolhidos no *Corpus do Português* mostram a novidade desta forma atemática e também a posição dominante que assumiu desde o século 19. É este o modelo que parece estar a ganhar força com verbos como *marcar* (cfr. *ter / ser marco*) ou *comprar* (cfr. *ter / ser compro*), e mesmo com *chegar* (cfr. *ter chego* em Miara & Coelho, 2015) no Português Brasileiro, embora o grau de aceitação destas formas não seja idêntico ao que se verifica com *ganhar*.

	s. 13	s. 14	s. 15	s. 16	s. 17	s. 18	s. 19	s. 20	T
<i>ganhar</i>	133	551	367	756	393	235	1.524	5.479	9.438
<i>ter / haver ganhado</i>			8	28	21	1	7	7	72
<i>ser ganhado / -a(s)</i>			7	25	7	2			41
<i>ter / haver ganho</i>					1		33	155	188
<i>ser ganho / -a(s)</i>				1			6	66	73

Quadro 5

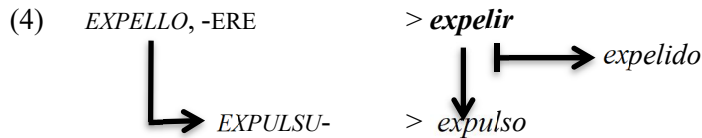
Em suma, o particípio passado tem no Português uma existência complexa a diversos níveis. O primeiro diz respeito à existência de um processo de formação canónica para a obtenção da forma flexionada (i.e. $[[[X]_{TV} do]_V]$) e de um outro para a derivação do adjetivo participial (i.e. $[[[X]_{TV} d]_{RADJ}]$). Estes processos canónicos são disputados quer pela ocorrência de formas provenientes de particípios latinos de verbos fortes, que dominaram no Português desde cedo, ou, mais tardiamente, por formas atemáticas, geradas a partir do RV por flexão (i.e. $[[[X]_{RV} o]_V]$) ou por conversão (i.e. $[[[X]_{RV}]_{RADJ}]$). O segundo nível de complexidade diz respeito ao facto de esta multiplicidade de formas participiais não ter idêntica prevalência nas diferentes construções sintáticas em que ocorrem e o terceiro encontra-se nos contrastes que afetam as duas variedades do Português. Dado que as hipóteses explicativas disponíveis não permitem identificar a distribuição das formas participiais na atual sincronia do Português, decidimos realizar inquéritos sobre a aceitabilidade de um conjunto de frases com os auxiliares *ter* e *ser* e várias formas participiais por falantes do Português de Portugal (região de Lisboa) e falantes do Português do Brasil (região de Florianópolis). Os resultados obtidos serão discutidos no final deste trabalho, seguindo-se uma tipologia das formas participiais baseada na análise etimológica e morfológica que acabamos de apresentar.

4. Tipologia

Esta tipologia inclui três grandes classes de formas participiais, estabelecidas com base em critérios etimológicos. A primeira inclui os particípios que têm origem em formas do supino de verbos fortes latinos (classe A); a segunda diz respeito a particípios de verbos deadjetivais (classe B); e a terceira é um grupo de exclusão, que inclui os particípios atemáticos que não encaixam em nenhuma das duas classes anteriormente consideradas (classe C). Estas classes compreendem subclasses que caracterizam diferentes relações entre o Latim e o Português ou diferentes estatutos no uso.

A. Esta classe de participípios tem origem no supino de verbos fortes latinos (e.g. *DICTU-*, *SCRIPTU-*). As cinco subclasses apresentadas em seguida relacionam-se, sobretudo, com o estatuto que os participípios fortes latinos ganharam no Português.

A1. Este grupo, que é o mais numeroso, é constituído por participípios provenientes da forma do supino (i.e. *EXPULSU-*) de verbos fortes latinos (i.e. *EXPELLO, -ERE*):

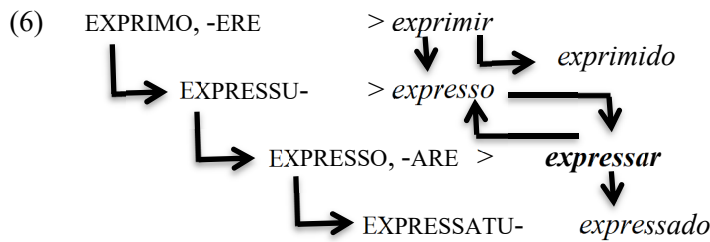


O Português recebe a forma do supino (cfr. *expulso*), mas também gera um participípio regular (cfr. *expelido*). Na base da ocorrência destas duas formas participiais está, portanto, uma motivação etimológica. Nesta classe integram-se ainda verbos como:

(5)	LT. ACCENDERE	ACCENSU-	
	PT. <i>acender</i>	<i>aceso</i>	<i>acendido</i>
	LT. APERIRE	APERTU-	
	PT. <i>abrir</i>	<i>aberto</i>	<i>abrido</i>
	LT. COLLIGO	COLLECTU-	
	PT. <i>colher</i>	<i>colheito</i>	<i>colhido</i>
	LT. DISCOOPERIRE	DISCOOPERTU-	
	PT. <i>descobrir</i>	<i>descoberto</i>	<i>descobrido</i>
	LT. COOPERIRE	COOPERTU-	
	PT. <i>cobrir</i>	<i>coberto</i>	<i>cobrido</i>
	LT. DICERE	DICTU-	
	PT. <i>dizer</i>	<i>dito</i>	<i>dizido</i>
	LT. EXTINGERE	EXTINCTU-	
	PT. <i>extinguir</i>	<i>extinto</i>	<i>extinguido</i>
	LT. FACERE	FACTU-	
	PT. <i>fazer</i>	<i>feito</i>	<i>fazido</i>
	LT. ELIGERE	ELECTU-	
	PT. <i>eleger</i>	<i>eleito</i>	<i>elegido</i>
	LT. EXPRESSERE	EXPRESSU-	
	PT. <i>exprimir</i>	<i>expresso</i>	<i>exprimido</i>
	LT. FRIGERE	FRICTU-	
	PT. <i>frigir</i>	<i>frito</i>	<i>frigido</i>
	LT. IMPRIMERE	IMPRESSU-	
	PT. <i>imprimir</i>	<i>impresso</i>	<i>imprimido</i>
	LT. JUNGERE	JUNCTU-	
	PT. <i>jungir</i>	<i>junto</i>	<i>jungido</i>
	LT. MORIOR	MORTUU-	
	PT. <i>morrer</i>	<i>morto</i>	<i>morrido</i>
	LT. PREHENDERE	PREHENSU-	
	PT. <i>prender</i>	<i>preso</i>	<i>prendido</i>
	LT. SCRIBERE	SCRIPTU-	
	PT. <i>escrever</i>	<i>escrito</i>	<i>escrevido</i>
	LT. SUBMERGERE	SUBMERSU-	
	PT. <i>submergir</i>	<i>submerso</i>	<i>submergido</i>
	LT. SUSPENDERE	SUSPENSU-	

PT. *suspender* *suspensio* *suspendido*

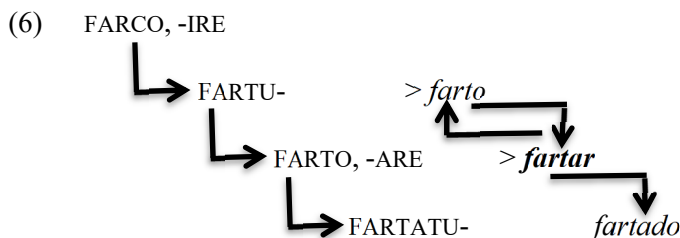
A2. Este grupo é formado por participios provenientes da forma do supino de um verbo forte latino (i.e. *EXPRIMO, -ERE*), tal como os verbos que integram o grupo A1. Mas neste caso, o participio forte latino (i.e. *EXPRESSU-*) está na origem de um novo verbo latino (i.e. *EXPRESSO, -ARE*). O Português recebe a forma do supino do verbo forte como participio passado (i.e. *expresso*) do verbo herdeiro do verbo forte latino (i.e. *exprimir*), para o qual gera um participio fraco (i.e. *exprimido*) e usa o participio forte (i.e. *expresso*) também como participio do verbo a que deu origem (i.e. *expressar*), e que também gerará uma forma fraca (i.e. *expressado*).



Neste caso, o uso de um participio forte (cfr. *expresso*) também tem uma base etimológica, dado que o verbo é derivado do participio de um verbo forte latino (cfr. *EXPRESSU-*), sendo a relação novamente indireta porque este participio forte é a base do novo verbo (cfr. *expresso* -> *expressar*). Nesta classe integram-se ainda verbos como:

(7)	LT. (EXPELERE) PT. (<i>expelir</i>)	EXPULSU- <i>expulso</i>	-> EXPULSARE -> <i>expulsar</i>	EXPULSATU- <i>expulsado</i> <i>expulso</i>
	LT. (FRIGERE) PT. (<i>frigir</i>)	FRICTU- <i>frito</i>	-> FRICTARE -> <i>fritar</i>	FRICTATU- <i>fritado</i> <i>frito</i>
	LT. (SOLVERE) PT. (<i>solver</i>)	SOLUTU- <i>solto</i>	-> SOLTARE -> <i>soltar</i>	SOLTATU- <i>soltado</i> <i>solto</i>

A3. Este grupo é muito semelhante ao grupo A2, mas estes verbos fortes latinos (cfr. *FARCIRE*) não legaram qualquer verbo ao Português. O participio forte latino (cfr. *FARTU-*) terá chegado ao Português como forma adjetival (cfr. *farto*), a partir da qual se terá formado o verbo (cfr. *fartar*) que gera depois um participio fraco (cfr. *fartado*):

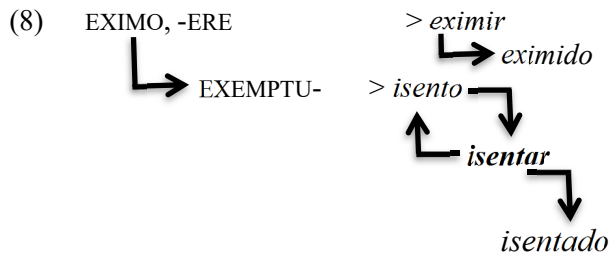


Ainda que a base etimológica continue a existir, ela não é perceptível no Português, dado que a forma participial forte latina (cfr. *FARTU-*) não está associada a nenhum outro verbo que não seja aquele que ela própria permitiu formar. Nesta classe integram-se ainda verbos como:

(7)	LT. (ACCIPERE) PT. -----	ACCEPTU- <i>aceito</i>	-> ACCEPTARE -> <i>aceitar</i>	ACCEPTATU- <i>aceitado</i> <i>aceite</i>
	LT. (OCCULO) PT. -----	OCCULTU- <i>oculto</i>	-> OCCULTARE -> <i>ocultar</i>	OCCULTATU- <i>ocultado</i> <i>oculto</i>
	LT. (SUBICERE) PT. -----	SUBJECTU- <i>sujeito</i>	-> SUBJECTARE -> <i>sujeitar</i>	SUBJECTATU- <i>sujeitado</i> <i>sujeito</i>

A4. O grupo A4 é formado por verbos que têm origem num adjetivo proveniente de uma forma do supino de um verbo forte latino. Este verbo forte também legou um verbo ao Português (*cf.* *EXIMERE* > *eximir*), mas não trouxe a sua forma de supino como participípio (*cf.* *EXEMPTU-*), pelo que o participípio regular (*cf.* *eximido*) é o único que estes verbos conhecem.

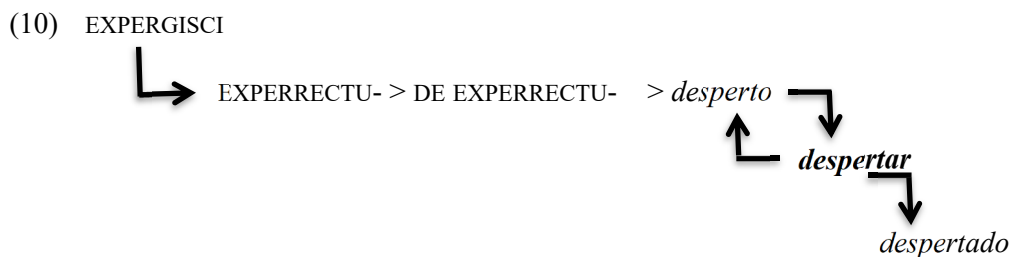
Os verbos que constituem este grupo replicam o modelo identificado no grupo anterior, mas o processo ocorre apenas no Português. Assim, o supino latino (*cf.* *EXEMPTU-*) lega ao Português um adjetivo (*cf.* *isento*) e é só no Português que este adjetivo gera um verbo (*cf.* *isentar*), que também serve como forma participial.



Nesta classe integram-se ainda verbos como:

(9)	LT. JUNGERE PT. <i>jungir, jungido</i>	JUNCTU- <i>junto</i>	-> <i>juntar</i>	<i>juntado</i>	<i>junto</i>
-----	---	-------------------------	-------------------------	-----------------------	--------------

A5. Este grupo é formado por verbos que têm origem num adjetivo proveniente de uma forma do supino (*cf.* *EXPERRECTU-*) de um verbo forte latino (*cf.* *EXPERGISCI*), que não legou qualquer verbo ao Português. Os verbos que constituem este grupo também replicam o modelo identificado no grupo A3, mas o processo ocorre apenas no Português, como no grupo A4: o supino latino lega um adjetivo ao Português (*cf.* *desperto*), que depois dá origem a um verbo (*cf.* *despertar*), que flexionará um participípio regular (*cf.* *despertado*). Há poucos exemplos deste tipo de participípio forte.

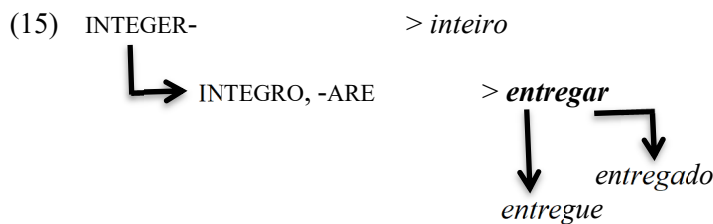


É de notar que todos estes verbos estão relacionados com um nome, por conversão:

VERBO	NOME	ADJETIVO
<i>entregar</i>	<i>entrega</i>	<i>entregue</i>
<i>gastar</i>	<i>gasto</i>	<i>gasto/a</i>
<i>ganhar</i>	<i>ganho</i>	<i>ganho/a</i>
<i>pagar</i>	<i>paga</i>	<i>pago/a</i>
<i>pegar</i>	<i>pega</i>	<i>pego/a</i>
<i>chegar</i>	<i>chega</i>	<i>chego/a</i>
<i>comprar</i>	<i>compra</i>	<i>comprado</i>
<i>marcar</i>	<i>marco / marca</i>	<i>marcado</i>

Quadro 6

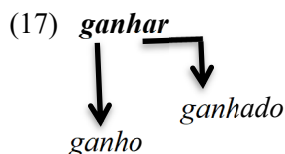
C1. Este grupo inclui verbos que provêm de verbos deadjetivais latinos (cf. *INTEGER* -> *INTEGRARE*). Tanto uma como outra destas formas surgem no Português (cf. *inteiro*, *entregar*), mas a sua relação está perdida. Assim, o adjetivo base não se apresenta como um bom candidato ao papel de participípio atemático, mas estes verbos virão ainda assim a criar um participípio atemático, a par do participípio regular (cf. *entregue*, *entregado*).



Nesta classe integram-se ainda verbos como:

(16) LT. *VASTU-* -> *VASTARE* *VASTATU-*
 PT. *vasto* -> *gastar* *gastado* *gasto*

C2. Este grupo inclui verbos que têm duas formas participiais, mas nenhuma delas provem de um supino de verbo forte latino, nem de um verbo derivado do supino de um verbo forte ou de verbos deadjetivais. Os verbos que integram este grupo (cfr. *ganhar*) têm etimologias diversas, mas todos partilham o facto de gerarem dois participípios (cfr. *ganhado*, *ganho*), que têm uma existência já estabelecida no Português.

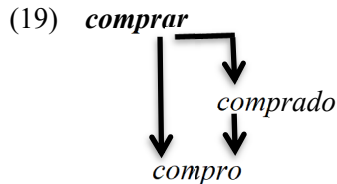


Nesta classe integram-se ainda verbos como:

(18) LT. *PAX, PACIS* -> *PACARE* *PACATU-*
 PT. *paz* -> *pagar* *pagado* *pago*

LT.	PICARE	PICATU-	
PT.	<i>pegar</i>	<i>pegado</i>	<i>pego</i>

C3. Este grupo é semelhante ao anterior. É constituído por verbos que não eram abundantes no Português (*cf.* *comprar*), mas que têm vindo a apresentar registos de formas participiais novas (*cf.* *compro*), em registo oral ou mesmo escrito.



Nesta classe, que é muito heterogénea, integram-se ainda verbos como:

(20)	LT. PLICARE PT. <i>chegar</i>	PLICATU- <i>chegado</i>	<i>chego / chegue</i>
	LT. AUDIRE PT. <i>ouvir</i>	AUDITU- <i>ouvido</i>	<i>ouço</i>
	GER. * <i>markôn</i> > PT. <i>marcar</i>	FR. <i>marquer</i> <i>marcado</i>	<i>marco</i>

5. Avaliação dos falantes sobre formas participiais de verbos abundantes

A abundância de formas participiais constitui um problema para os falantes, quer no uso do Português como língua materna, quer para quem a aprende ou usa como língua não materna. A resolução deste problema depende de tensões contraditórias – por um lado, os falantes são condicionados pelo acesso aos dados, pelo que ouvem e eventualmente pelo que leem, aqui se incluindo o contacto com as prescrições gramaticais; por outro, não de desempenhar algum papel os princípios gerais de organização do sistema gramatical, como economia e eficácia.

A coexistência de formas participiais tem, como vimos, causas históricas acidentais, que dão origem à contaminação de outros casos, e admitimos que a variabilidade no uso de formas participiais concorrentes possa ocorrer por razões diversas, nomeadamente diacrónicas, dialetais e diastráticas, mas não há dados sobre o uso que permitam compreender essa variação. Por esta razão, decidimos elaborar um inquérito¹¹, que foi aplicado a falantes do Português Europeu (região de Lisboa) e do Português Brasileiro (região de Florianópolis, Santa Catarina), entre 2016 e 2017.

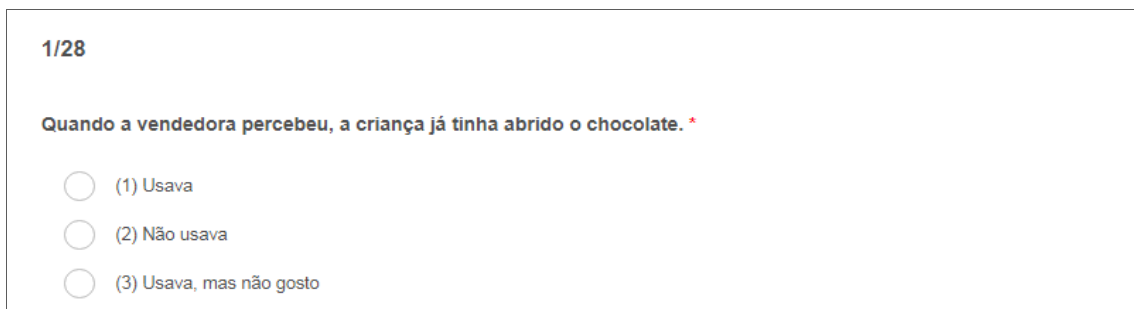
Este teste foi aplicado *online*, na rede social *Facebook*, por intermédio da plataforma *OnlinePesquisa*, com o título *Usaria esta frase?*. Foram elaborados quatro testes para cada variedade do Português (i.e. quatro para o Português Europeu e quatro para o Português Brasileiro), com todos com os ajustes linguísticos necessários, a fim de que nenhuma frase causasse estranheza aos falantes.

Além de variáveis linguísticas, como, por exemplo, *terminação do participio*, *conjugação do verbo* e *tipologia*, foram controlados grupos de fatores extralinguísticos, tais como *idade*, *escolaridade* e *cidade do informante*. Apenas esta última variável controlada será apresentada neste estudo, já que temos como objetivo selecionar apenas as respostas de falantes nativos que tivessem vivido a maior parte de sua vida ou na Grande Lisboa ou na Grande Florianópolis, de maneira a controlar a diatopia. O uso desta plataforma permitiu-nos ainda, por exemplo, selecionar apenas inquiridos que responderam à totalidade do teste.

Cada teste contava com vinte e oito formas participiais integradas num contexto frásico, em construções com os verbos *ter* e *ser*, que não se repetiam (uma para cada um dos vinte e oito verbos controlados), e que estavam distribuídas entre participios temáticos e atemáticos. No total, testámos cento e doze frases para cada variedade.

Os inquiridos foram publicados separadamente e os inquiridos não são necessariamente os mesmos, porém, cada inquirido conta com, no mínimo, 30 participações, tendo todos os informantes uma escolaridade igual ou superior a 12 anos. Obtivemos um total de 464 participantes, sendo 153 informantes portugueses¹² e 311 informantes brasileiros¹³, o que gerou 4.284 respostas, nos testes aplicados a falantes de Portugal, e 8.708 respostas, nos testes aplicados a falantes do Brasil, totalizando 12.992 dados analisados.

A figura 1 mostra a apresentação do teste. Pretendia-se saber se o inquirido admitia usar cada uma das frases apresentadas, ou se, pelo contrário, considerava que não usaria essas frases. A terceira possibilidade de resposta (i.e. usaria, mas não gosto) foi estabelecida para permitir assinalar um grau de aceitabilidade condicionada. O teste foi aplicado sob anonimato e os participantes foram informados de que não estavam a ser avaliados a partir do que deveria ou não ser sua resposta, uma vez que o que nos interessava era o seu uso da língua.



1/28

Quando a vendedora percebeu, a criança já tinha abrido o chocolate. *

(1) Usava

(2) Não usava

(3) Usava, mas não gosto

Figura 1

Os vinte e oito verbos testados pertencem a todas as classes identificadas na tipologia acima apresentada, de acordo com a seguinte distribuição:

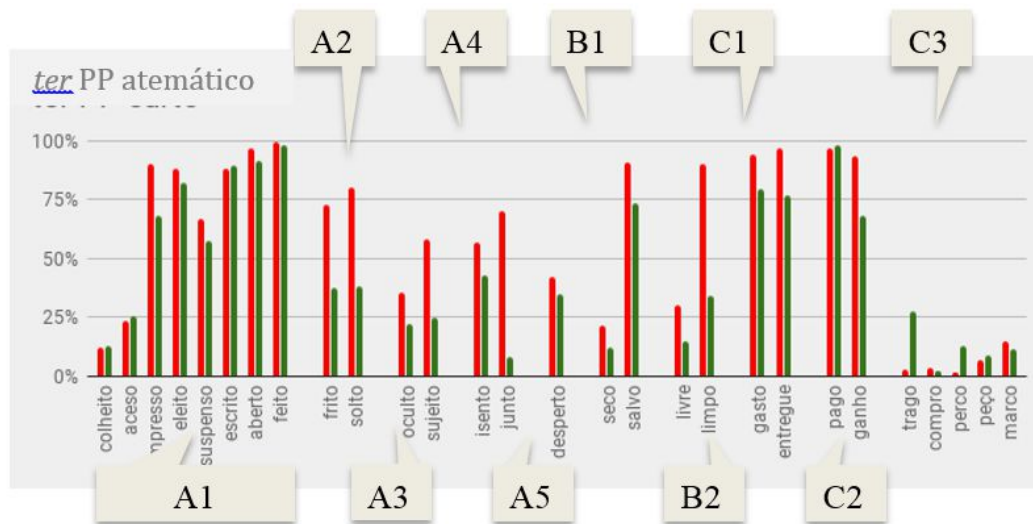
CLASSE A					CLASSE B		CLASSE C		
A1	A2	A3	A4	A5	B1	B2	C1	C2	C3
<i>abrir</i>	<i>fritar</i>	<i>ocultar</i>	<i>isentar</i>	<i>despertar</i>	<i>salvar</i>	<i>limpar</i>	<i>entregar</i>	<i>ganhar</i>	<i>comprar</i>
<i>acender</i>	<i>soltar</i>	<i>sujeitar</i>	<i>juntar</i>		<i>secar</i>	<i>livrar</i>	<i>gastar</i>	<i>pagar</i>	<i>marcar</i>
<i>colher</i>									<i>pedir</i>
<i>eleger</i>									<i>perder</i>
<i>escrever</i>									<i>trazer</i>
<i>fazer</i>									
<i>imprimir</i>									
<i>suspender</i>									

Quadro 7

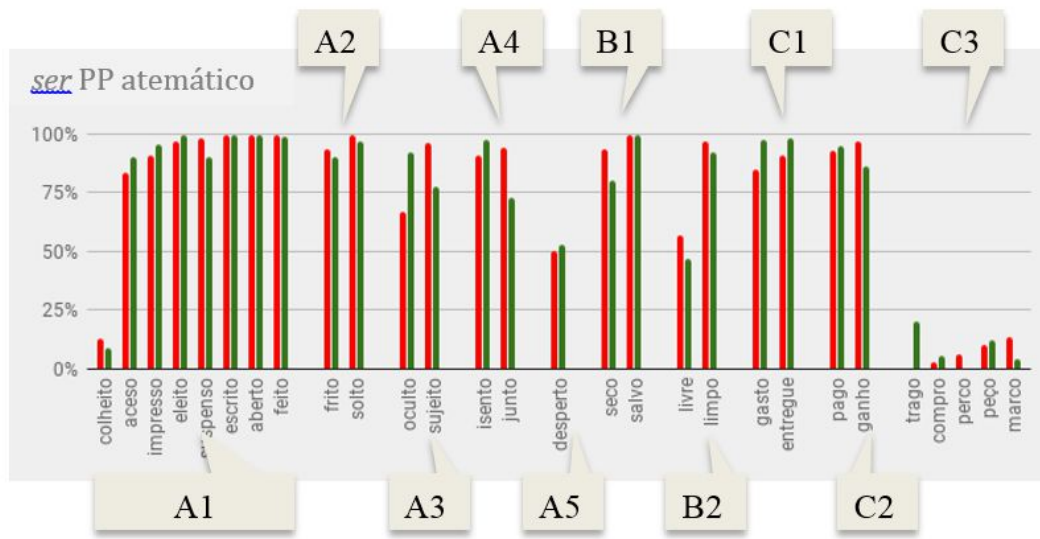
Em (21) apresentamos um exemplo das duas construções frásicas testadas (*ter+PP* e *ser+PP*), utilizando-se a forma participial atemática e a forma em *-do* em todos os casos:

- (21) *Quando a Maria chegou a casa, a cozinheira já tinha frito os ovos.*
Quando a Maria chegou a casa, a cozinheira já tinha fritado os ovos.
O resumo do livro foi feito pela professora.
O resumo do livro foi fazido pela professora.

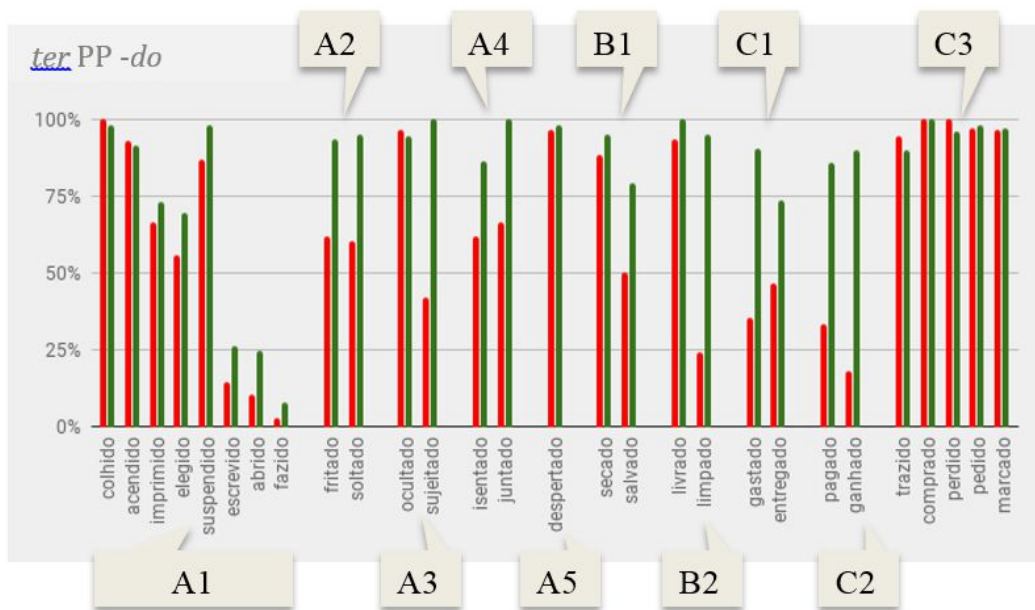
Os resultados que se seguem são parcelares e dizem apenas respeito ao somatório das respostas ‘usava’ e ‘usava, mas não gosto’. Nos quadros 8 a 11, a coluna da esquerda diz respeito ao PE e a da direita corresponde ao



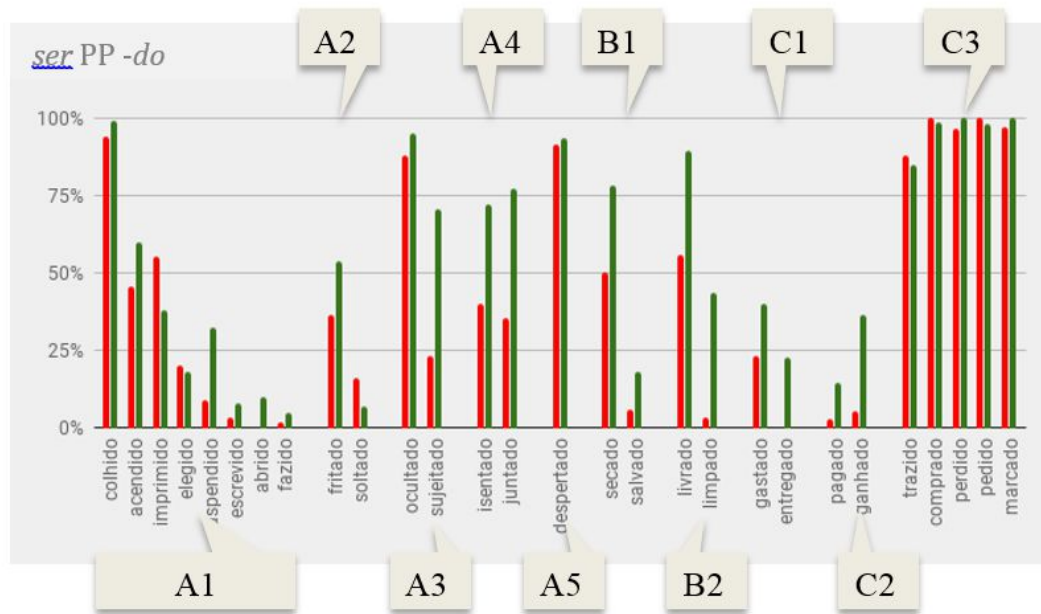
Quadro 8



Quadro 9



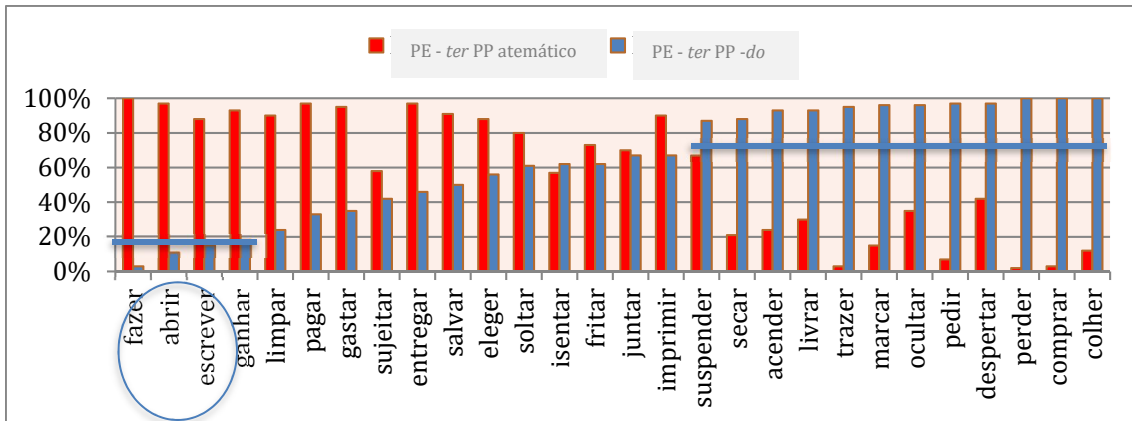
Quadro 10



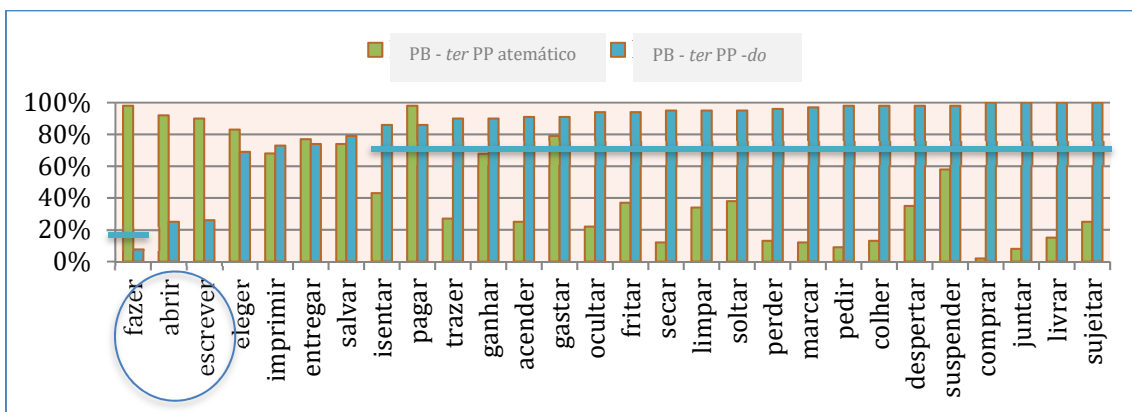
Quadro 11

A análise destes dados mostra que as classes de natureza etimológica não explicam a variação no uso, embora as classes A1 e C3 apresentem alguma consistência. Na classe A1, a existência de verbos que perderam ou nunca tiveram forma em *-do*, como *fazer*, e aqueles que não preservaram a forma forte latina, como *colher*, confirmam essas escolhas, embora a rejeição das formas complementares não seja geralmente radical (*cfr. fazido e colheito*). No grupo C3, a eventual aceitação de uma forma atemática (*cfr. trago, marco*) é muito baixa, mas não é nula, o que se pode relacionar com a existência de palavras que partilham o mesmo radical (*cfr. um trago, um marco*). Igualmente interessante ainda é o facto da aceitação da forma fraca (*cfr. trazido*) nem sempre ser unânime. As restantes classes incluem poucos verbos e mostram comportamentos mais díspares, sobretudo na comparação entre o PE e o PB.

A comparação entre as duas variedades do Português aqui consideradas (i.e. PE e PB) pode ser observada nos seguintes gráficos (a coluna da esquerda mostra o comportamento do participípio atemático e a coluna da direita mostra o participípio em *-do*). Os dados estão ordenados pelo valor de preferência da forma *-do*:



Quadro 12



Quadro 13

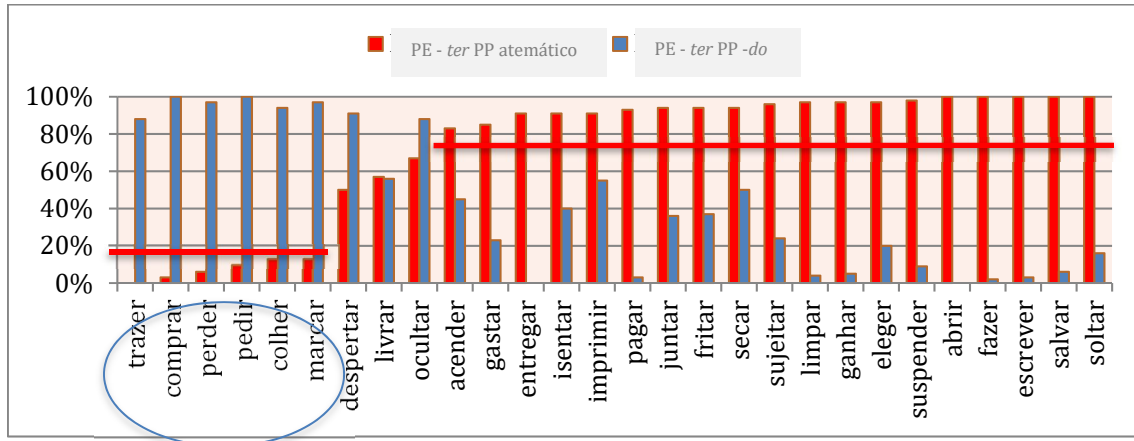
No Quadro 12, que diz respeito aos dados do PE na formação dos tempos compostos, verifica-se que doze verbos mostram uma aceitação da forma em *-do* que é superior a 80%. Esse número sobe para vinte e um no PB, como se pode ver no Quadro 13. Inversamente, a aceitação da forma *-do* não chega a 20% em 4 verbos no PE e há apenas um caso no PB. Na verdade, na formação de tempos compostos, poucos verbos têm um comportamento idêntico em PE e PB. No topo da preferência pela forma atemática estão os mesmos três verbos (i.e. *fazer*, *abrir*, *escrever*). No extremo oposto também há algumas coincidências, mas por outra ordem ou interpoladas. Globalmente, nota-se que os resultados mostram uma maior aceitabilidade das formas em *-do*, no PB, e das formas atemáticas no PE:

(22)	PE - <i>tem limado</i>	24%	PE - <i>tem solto</i>	80%
	PB - <i>tem limado</i>	95%	PB - <i>tem solto</i>	38%
	PE - <i>tem pagado</i>	33%	PE - <i>tem junto</i>	70%
	PB - <i>tem pagado</i>	86%	PB - <i>tem junto</i>	08%

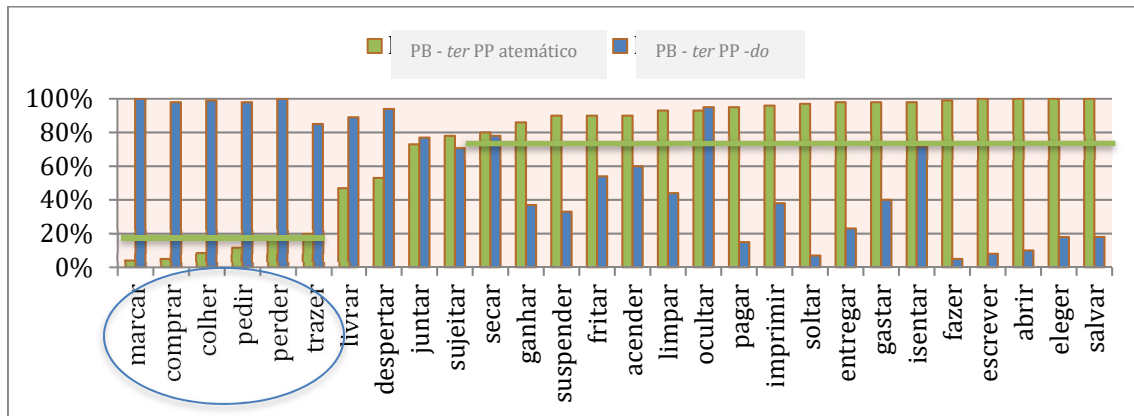
Nas construções passivas, apesar de as respostas também mostrarem variação, as tendências são mais aproximadas e refletem uma preferência pelas formas atemáticas nas duas variedades. No PE, há dezanove verbos que mostram uma aceitação da forma atemática acima dos 80% e há dezoito no PB.

- (23) PE - *foi limpo* 97% PE - *foi junto* 94%
 PB - *foi limpo* 93% PB - *foi junto* 73%

Por outro lado, há, nas duas variedades, seis verbos que mostram uma aceitação da forma atemática abaixo dos 20%, e são os mesmos verbos, embora não necessariamente pela mesma ordem (*cf.* *colher, comprar, marcar, perder, pedir, trazer*):



Quadro 14



Quadro 15

Devem, por último, considerar-se as preferências combinadas nas duas construções sintáticas. É esperável que uma das estratégias dos falantes para resolver o problema de uso colocado pela existência de formas participiais concorrentes seja a de eliminar a possibilidade de escolha, eliminando uma das formas participiais. Colocando a linha de corte nos 70%, obtêm-se os seguintes valores:

	PE ¹⁴	PE e PB	PB
Forma atemática nas duas construções	<i>impresso</i> (A1) <i>frito</i> (A2) <i>solto</i> (A2)	<i>aberto</i> (A1) <i>eleito</i> (A1) <i>escrito</i> (A1)	
PE – 15	<i>sujeito</i> (A3)	<i>feito</i> (A1)	
PB – 04	<i>junto</i> (A4)	<i>entregue</i> (C1)	

	<i>salvo</i> (B1) <i>limpo</i> (B2) <i>gasto</i> (C1) <i>ganho</i> (C2) <i>pago</i> (C2)		
Forma <i>-do</i> nas duas construções PE – 08 PB – 10		<i>colhido</i> (A1) <i>ocultado</i> (A3) <i>despertado</i> (A5) <i>comprado</i> (C3) <i>marcado</i> (C3) <i>pedido</i> (C3) <i>perdido</i> (C3) <i>trazido</i> (C3)	<i>juntado</i> (A4) <i>livrado</i> (B2)
Forma <i>-do</i> nos tempos compostos + forma atemática nas construções passivas PE – 03 PB – 13		<i>acendido, aceso</i> (A1) <i>suspendido, suspenso</i> (A1) <i>secado, seco</i> (B1)	<i>imprimido, impresso</i> (A1) <i>fritado, frito</i> (A2) <i>soltado, solto</i> (A2) <i>sujeitado, sujeito</i> (A3) <i>isentado, isento</i> (A4) <i>salvado, salvo</i> (B1) <i>limpado, limpo</i> (B2) <i>gastado, gasto</i> (C1) <i>ganhado, ganho</i> (C2) <i>pagado, pago</i> (C2)

Quadro 16

Este quadro mostra que, num universo de vinte e oito verbos, cerca 50% mantêm-se como verbos abundantes no PB. No PE esse valor desce para cerca de 11%. Estes números invertem-se quando se considera a preferência pela forma atemática nas duas construções: no PE, mais de 50% dos verbos considerados mostra preferência pela forma atemática nas duas construções; no PB a preferência pela forma atemática afeta apenas 18% dos verbos (*cf. aberto, eleito, escrito, feito e entregue*), cuja forma fraca nunca ganhou preponderância.

6. Observações finais

Com este trabalho procuramos compreender melhor a variação no uso de formas participiais concorrentes. Tendo em conta que a lista de verbos abundantes não tem contornos bem definidos, procurámos fixar uma tipologia que, de algum modo, permitisse balizar um conjunto com base em critérios etimológicos e morfológicos. Esta tipologia considera três classes: a dos verbos provenientes de verbos fortes latinos (A); a dos verbos deadjetivais (B) e a de verbos que relacionados com um nome por conversão (C). Todos os vinte e oito verbos que testámos num inquérito ao uso pertencem a uma destas três classes, ainda que distribuídos por diversas subclasses.

Conforme mencionámos, a aplicação de um inquérito ao uso das formas participiais concorrentes buscava encontrar uma resposta para a variação que ocorre. Embora saibamos que as respostas dos falantes em inquéritos não correspondam a dados reais –falados ou escritos– produzidos por eles, a avaliação do uso constitui uma peça fundamental nos estudos linguísticos (*cf. Labov* 2008 [1972]), permitindo-nos observar diferenças com respeito às preferências dos falantes.

Esperávamos que a tipologia etimológica e morfológica pudesse responder às nossas indagações quanto ao uso e à aceitabilidade destas formas participiais, mas os dados não confirmam inequivocamente essa correlação. Com efeito, nem a origem etimológica do participício nem as suas propriedades morfológicas, nem as escolhas feitas pelos gramáticos bastam para explicar a variação, o que nos permite, uma vez mais, afirmar que o comportamento de participípios temáticos e atemáticos, com os auxiliares *ter* ou *haver* e *ser*, varia de verbo para verbo (*cf.* Said Ali 1931, Villalva & Almeida 2004). Ainda assim, há dados que merecerão uma posterior revisita. Talvez valha a pena ter em consideração, mais do que a sua informação etimológica, a antiguidade das formas no léxico do Português, fator que até talvez se possa vir a correlacionar com o resultado mais interessante deste inquérito, até este momento, e que está ligado ao contraste entre o uso europeu e o uso brasileiro.

Com efeito, o Português do Brasil parece distribuir com maior complementaridade os participípios temáticos e atemáticos, pelos tempos compostos e passivas, nessa ordem, ao passo que o Português Europeu mostra uma preferência pela escolha de participípios atemáticos, independentemente da construção frásica em questão. É sabido que existem prescrições gramaticais, que são objeto de ensino nas aulas de Português, e que entre essas prescrições e o uso dos falantes haverá discrepâncias, aliás antecipadas na sua própria formulação. Diante disso, dado que inquéritos semelhantes foram aplicados na região de Lisboa e na região de Florianópolis, a uma população sociologicamente próxima (alunos universitários, na sua maioria), os resultados deste inquérito permitem aferir contrastes dialetais e foi de facto essa a constatação a que pudemos chegar: excluídos os casos de mútua rejeição da forma fraca (num subtipo da classe A1) e mútua rejeição da forma forte (em alguns subtipos da classe C), percebe-se que a tendência prevalecente no PB é a de ir ao encontro da prescrição gramatical (i.e. forma *-do* nas construções com *ter* e forma atemática nas construções passivas) e que a tendência dominante no PE é a de excluir a forma *-do* em todas as construções.

Como se explica a variação? Os dados recolhidos não permitem formular conclusões sólidas, mas parecem autorizar a construção de uma hipótese de que as preferências dos falantes estarão relacionadas com um complexo de causas históricas, do papel das prescrições gramaticais e do impacto da escolarização. Com efeito, a exclusão da forma *-do* ocorre desde cedo na história do Português. Quando ela ocorre antes da separação ‘varietal’ entre o PE e o PB, ela é mantida nas duas variedades, mas quando é mais recente parece afetar somente o PE. Pelo contrário, a estratégia dominante no PB está intimamente ligada à prescrição gramatical. A existência destas normas é relativamente recente (*cf.* Barboza 1822) e enquanto o PE mostra maior tendência a ignorá-la, o PB mostra maior conformação. Seria interessante confrontar o ensino desta norma nas duas variedades do Português, mas também seria interessante confrontar o uso de falantes com um baixo nível de escolarização.

Referências bibliográficas

- Barboza, J. S. 1822. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios de Grammatica Geral Aplicados à nossa Linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias. Disponível em <purl.pt/128>. [Acesso 04-03-2018].
- Bechara, E. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cunha, C.; Cintra, L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Labov, W. 2008 [1972]. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola.
- Miara, F. L. J. 2013. Particípios duplos: usos, desusos e alguns “intrusos”. Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação de Mestrado. Disponível em <repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107342>. [Acesso 01-06-2018].
- Miara, F. L. J.; Coelho, I. L. 2015. Particípios duplos: norma, avaliação e uso escrito. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Variação linguística e práticas pedagógicas 51: 217-237. Disponível em <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/viewFile/224/82>>. [Acesso 01-06-2018].
- Souza, P. C. de. 2011. Particípios atemáticos no PB: um processo paradigmático. *ReVEL* 5. Disponível em <<http://www.revel.inf.br>>. [Acesso 04-03-2018].
- Rodrigues, C.; Lourenço-Gomes, M. C.; Alves, I.; Janssen, M.; Gomes, I. L. 2015. *EFFE-On-Escreves como falas-Falas como escreves? (Online corpus of writing and speech of children in the early years of schooling)*. Lisboa: CLUL.
- Piel, J.-M. 1944. A flexão verbal do português (estudo de morfologia histórica). Em *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Disponível em <cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/flexao_verbal.pdf>. [Acesso 04-03-2018].
- Said Ali, M. 1931. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Villalva, A. 2009. A categoria ‘particípio’ e questões adjacentes. *Anais do VI Congresso Internacional da Abralin*. João Pessoa: Idéia. Disponível em <http://www.researchgate.net/publication/324729395_A_categoria_'participio'_e_questoes_adjacentes>. [Acesso: 01-06-2018].
- Villalva, A.; Almeida, M. 2004. Verbos abundantes: usos, desusos e alguns ‘abusos’. Em *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 281-295. Disponível em <http://www.researchgate.net/publication/325514584_Verbos_abundantes_usos_desusos_e_alguns_'abusos'>. [Acesso: 01/06/2018].
- Weinreich, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin I. 2006 [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

Notas

¹ Em conjugação, sem dúvida, com outros fatores, como a escolha e o papel de verbos auxiliares e toda a arquitetura do sistema da flexão verbal, particularmente no que diz respeito aos chamados tempos compostos.

² A natureza das prescrições gramaticais não é constante, mas o seu estudo não cabe no âmbito do presente trabalho. De qualquer modo, deixam-se aqui os excertos relevantes de Barboza (1882: 295, 299), que se podem comparar com os de Cunha & Cintra (1984: 441-442) e Bechara (1999: 227), transcritos nas notas 7 e 8.

Ha muitos verbos, que tem dous participípios passivos, hum inteiro e regular, e outro contrahido e irregular: os quaes pomos aqui, assim porque cumpre saberem-se, como para sobre eles caírem as observações, que se lhes seguirão. [...] Sobre o uso destas duas sortes de participípios passivos não se póde estabelecer huma regra fixa e universal. So sim se póde dizer em geral, que os da primeira forma regular são ordinariamente os verdadeiros participípios, ou activos e indeclináveis, conjugados com o auxiliar *Ter*; ou passivos e declináveis, conjugados com o verbo substantivo *Ser*.

Os da segunda forma, pela maior contrahidos dos primeiros, são mais uns adjectivos verbaes do que participípios. Elles de ordinário indicão huma qualidade subsistente no sujeito, sem relação alguma ao seu exercício, ou activo ou passivo, bem como os mais adjectivos, que não são verbaes. Esta a razão, porque se atribuem aos sujeitos melhor com os verbos *Ser* ou *Estar*, do que com o verbo *Ter*, como: *Sou aceito, sou grato, estou prompto, estou afflicto*, etc.

Isto não obstante, alguns destes adjectivos verbaes se usão em sentido activo junctos ao auxiliar *Ter*, como *Tenho entregue, Tenho farto, Tenho escripto, Tenho gasto, Tenho juncto, Tenho morto, Tenho pago, Tenho aceito*: e outros em sentido passivo, como: *Ter Aberto, Coberto, Expulso, Extincto, Eleito, Morto, Preso, Roto, Solto, &c.*

Muitos destes participípios contractos não erão conhecidos de nossos antigos Escriutores, como *Afflicto, Aceito, Erecto, Gasto, Isento, Impresso, Pago, &c.* E em lugar deles usavão dos regulares *Affligido, Aceitado, Erigido, Gastado, Isentado, Imprimido, Pagado, &c.*

³ O desencontro entre a prescrição e o uso fica patente em consultórios linguísticos, como o *Ciberdúvidas*, onde se encontram consultas como a seguinte:

Parece que ultimamente toda a gente "declarou guerra" aos participípios passados regulares terminados em -ado, e quando digo e defendo que, por exemplo, o que está certo é «tenho limpado» ou «havia limpado», sinto que me olham com muita desconfiança e, em determinados momentos, já me saem participípios com "empregue" e "entregue", entre outros, de tanto os ouvir. [...]será que podem ser consideradas certas as frases com participípios irregulares, pelo menos a nível oral? Por exemplo, como professora, assinalo erro na frase «Tenho morto muitas moscas.» É que eu já vi este participípio assim mal usado em escritores premiados... [in <ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-participios-passados-regulares-e-irregulares/20960>].

Outras consultas dizem respeito aos verbos *completar* (cfr. <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/completo-e-completado/33161>>) e *fritar* (<<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/havia-sido-fritofritado-duplo-participio/18873>>).

⁴ A presente análise da formação, estatuto e usos das formas participiais retoma e desenvolve hipóteses apresentadas em Villalva e Almeida (2004) e Villalva (2009).

⁵ Este corpus está disponível em <alfclul.clul.ul.pt/teitok/effe/index.php?>.

⁶ Este corpus está disponível em <corp.hum.sdu.dk>.

⁷ Este livro pode ser consultado em <books.google.pt>.

⁸ Veja-se Cunha & Cintra (1984: 441-442): De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da voz ativa, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da voz passiva, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

⁹ Veja-se Bechara (1999: 227): Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

¹⁰ Na flexão verbal latina, a distinção entre formas fortes e fracas está relacionada com a posição do acento: são fortes as formas rizotônicas e fracas as formas arrizotônicas. No que diz respeito ao participípio, são fracas as formas em que o sufixo *-TUM* se associa ao tema verbal (*cf.* *AM-A-TUM*; *CRED-I-TUM*; *DORM-I-TUM*) e são fortes as formas em que o sufixo *-TUM*, ou o seu alomorfe *-SUM*, se associa ao radical do verbo (*cf.* *DIC-TUM*; *APER-TUM*, *PREHEN-SUM*). *Cfr.* Piel (1944), consultável em <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/flexao_verbal.pdf>.

¹¹ Este inquérito foi elaborado pela Fernanda Jardim (UFSC), no quadro da sua dissertação de doutoramento, ainda em curso.

¹² Tivemos 56 participantes para o primeiro teste, 34 para o segundo, 33 para o terceiro e 30 para o quarto.

¹³ Tivemos 126 participantes para o primeiro teste, 95 para o segundo, 40 para o terceiro e 50 para o quarto.

¹⁴ Há, no PE, dois verbos que não mostram uma tendência definida:

<i>ter livre</i>	30%	<i>ter livrado</i>	93%	<i>ser livre</i>	57%	<i>ser livrado</i>	56%
<i>ter isento</i>	57%	<i>ter isentado</i>	62%	<i>ser isento</i>	91%	<i>ser isentado</i>	40%